

# Simpósio Internacional de Música na Amazônia

# SIMA 2019



**VII SIMA - 05 a 08 de novembro de 2019**

**Local: Anfiteatro Garibaldi Brasil e Centro de Convenções da UFAC**

**Apoio:**



**Realização:**



NAP - Núcleo Amazônico de Pesquisa Musical

**2019**

**Anais do 7º Simpósio Internacional de Música na Amazônia**

7º Simpósio Internacional de Música na Amazônia, SIMA 2019, realizado na Universidade Federal do Acre, entre os dias 05 e 08 de novembro de 2019.

Editor gerente do Anais do SIMA 2019: Jefferson Tiago de Souza Mendes da Silva (UFRR).

Coordenadores dos Anais do SIMA 2019: Damián Keller (UFAC), Francisco Zmekhol Nascimento de Oliveira (UNIR), Humberto Amorim (UFRJ) Jefferson Tiago de Souza Mendes da Silva (UFRR), Marcelo Messina (UFPB), Marcus Bonilla (UFT), Max Packer e Rafael Ricardo Friesen (UFRR).

**Flautas Doces da Amazônia: uma experiência com orquestra de flautas  
doces no Instituto Estadual Carlos Gomes – Belém/PA.****Educação Musical**

*Acácio Tavares Cardoso*

*Mestrando do PPGMUS – Práticas Interpretativas Flauta Doce – UFRGS*

*acaciocardoso@yahoo.com.br*

*Dra. Lucia Becker Carpena*

*Docente do PPGMUS - UFRGS*

*lucia.carpena@ufrgs.br*

**Resumo:** Partindo de pesquisa bibliográfica apresentamos uma formação relativamente recente para conjunto de flautas doces, a orquestra de flautas doces, um fenômeno moderno e em expansão no século XXI. Descrevemos a experiência de construção desta formação instrumental no Instituto Estadual Carlos Gomes (IECG) Belém/PA com o grupo “Flautas Doces da Amazônia”, criado para proporcionar aos alunos do IECG a vivência de tocar em conjunto e, com isso, conhecer e desenvolver repertório próprio, oportunizando o início de uma atividade artística. Os resultados desta experiência apontaram a existência do grupo como gerador de um ambiente musical onde a flauta doce aparece como instrumento artístico e traz benefícios socioeducativos e musicais para os estudantes dos cursos básico e técnico do IECG.

**Palavras-chaves:** Flauta doce. “Flautas Doces da Amazônia”. Orquestra de flautas doces. *Recorder orchestra*.

**Abstract:** From bibliographic research we present a relatively recent formation for the set of recorders, the recorders orchestra, a modern and expanding phenomenon in the 21st century. We describe the experience of construction this instrumental formation at the Carlos Gomes State Institute (IECG) Belém / PA with the group “Flautas Doces da Amazônia”, created to provide IECG students with the experience of playing together and thus knowing and developing own repertoire, giving the opportunity to start an artistic activity. The results of this experience pointed to the existence of the group as a generator of a musical environment where the recorder appears as an artistic instrument and brings socio-educational and musical benefits to the students of the IECG basic and technical courses.

**Keywords:** *Recorder*. “Flautas Doces da Amazônia”. *Recorder orchestra*

## 1. Introdução

O objetivo deste artigo é apresentar a experiência de uma orquestra de flautas doces desenvolvida no Instituto Estadual Carlos Gomes (IECG), a partir do histórico e do conceito de orquestra de flautas doces, refletindo sobre como ele se desenvolveu. Também abordaremos o ensino da flauta doce no âmbito do IECG ao longo dos anos até os dias de hoje e como isso impulsionou a criação da orquestra de flautas doces “Flautas Doces da Amazônia”. Apresentaremos também como a orquestra “Flautas Doces da Amazônia” desenvolve o seu trabalho, mostrando o seu início, explanando aspectos como instrumentos utilizados, formação instrumental e sonoridade desejada.

Durante esses anos em que atuo como músico, professor, arranjador, regente e pesquisador observei que, no Brasil, as orquestra de flauta doce são usualmente formadas por crianças, tocando em uníssono, com a predominância da flauta doce soprano e geralmente acompanhadas de outros instrumentos como teclado, violão e percussão. Seu repertório em geral é constituído de músicas folclóricas e populares, tendo como *hit* “Asa Branca”, de Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira, e com um resultado musical que deixa muito a desejar. Isto pode justificar-se por diversos motivos, desde a formação deficiente do professor de música que se aventura em lecionar flauta doce sem o preparo necessário, sem saber tocar o instrumento, passando até mesmo pelos argumentos já consagrados quando defendemos a utilização da flauta doce na escola: um instrumento barato, de fácil soar, leve para carregar e de fácil execução. Ernest Mahle no prefácio dos seus *24 Duetos para Flauta Doce* (1970) diz que a flauta doce é “aquele instrumento relativamente barato, fácil de tocar e transportar a qualquer lugar, por ser de inestimável valor no ensino musical”. Maria Aparecida Mahle (1959, p. 5) aponta que a flauta doce (e a viola da gamba) ajudam no “desenvolvimento do ouvido e são grandes auxiliares para a leitura musical”.

Este quadro exposto é muito comum na cena da flauta doce, principalmente quando não existe um trabalho com objetivos claros, que contemple as possibilidades deste instrumento. Isto me levou a refletir sobre a minha experiência junto à orquestra “Flautas Doces da Amazônia”, onde usamos flautas doces de diferentes tamanhos, em naipes. Como nas *recorder orchestras*, preparamos um repertório variado, passando por peças já consolidadas no repertório de concerto do instrumento, arranjos de músicas escritas originalmente para outros instrumentos e adaptadas para o grupo e também, músicas folclóricas e populares.

Observo que a utilização da flauta doce em espaços institucionalizados de ensino, como escolas regulares, sempre nos remete a grupos de flauta com muitos integrantes. Porém,

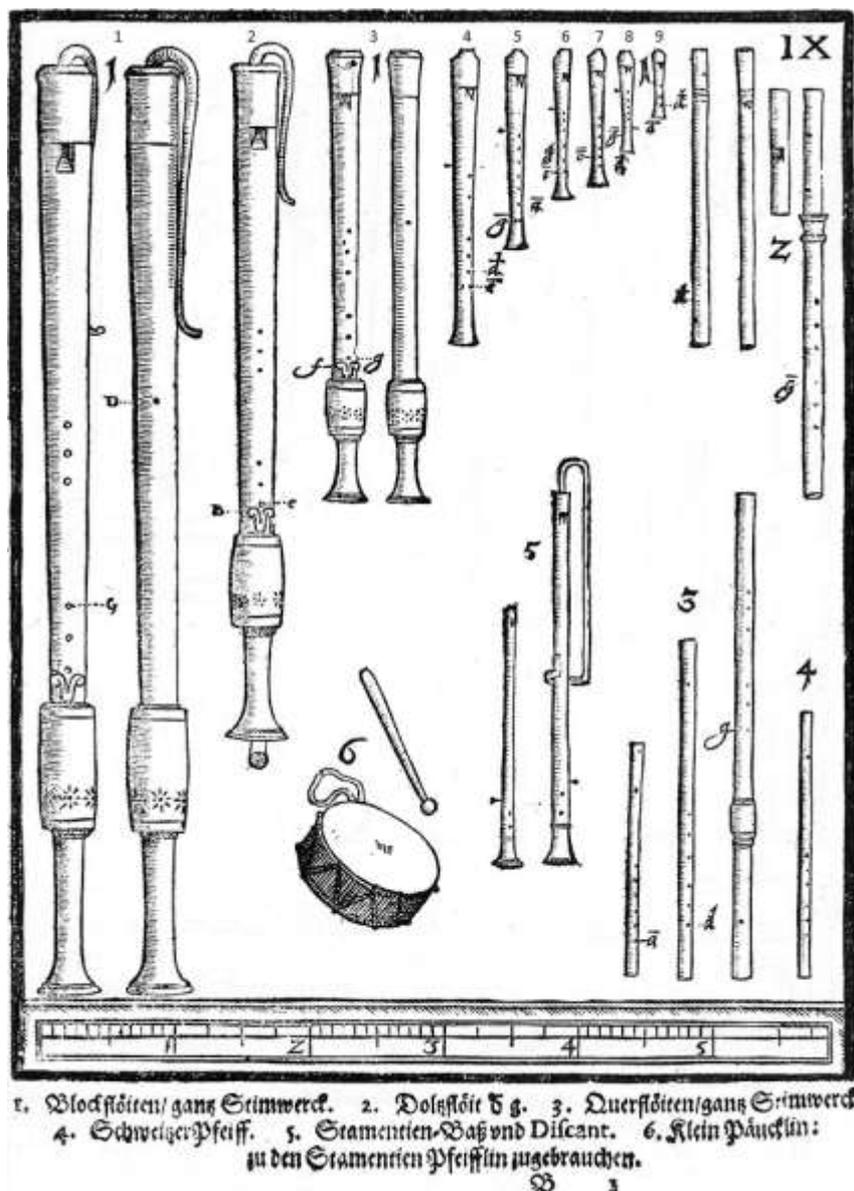
a prática coletiva de flauta doce nas escolas especializadas normalmente se dá em formações camerísticas, em conjunto com outros instrumentos, como violão e piano, ou grupos de flautas doces com quatro ou cinco componentes, e quando o aluno já está em um nível técnico bastante avançado. Antes disso ocorrem aulas individuais, com exercícios técnicos, nos quais, muitas vezes, o aluno não vê significado ou sentido entre a prática da técnica e sua aplicabilidade ao repertório, como bem explica Beineke (2003, p.90) “no ensino instrumental e mais especificamente, no ensino de flauta doce, ainda são frequentes as abordagens que focalizam mais aspectos técnicos do que compreensão, o que pode acarretar o desinteresse do aluno, além de aprendizagem pouco significativas”. Soma-se a isso que a instrução individual nem sempre corresponde à necessidade de crianças e adolescentes, que gostam de fazer atividades com os amigos, vivenciando e aprendendo música fazendo música.

Os alunos de flauta doce dos professores do IECG desenvolvem uma prática coletiva a partir das “Flautas Doces da Amazônia”, o que também é uma característica histórica do instrumento. Na Renascença, por exemplo, temos os *consorts*, conjuntos instrumentais que podiam ser formados por instrumentos da mesma família ou de várias famílias, nos chamados *broken consorts*. Há registros iconográficos, na tratadística e também no próprio repertório, de que a prática coletiva de flauta doce existe desde pelo menos o século XVI.

No caso do IECG, seus professores tem uma formação predominantemente solista, porém desenvolvem um trabalho com foco no fazer coletivo, camerístico. Evoca-se deste modo a tradição consolidada do *consort* de flautas doces em uma chave atualizada, da orquestra de flautas doces, com um repertório que inclui adaptações e arranjos de diversos gêneros musicais, principalmente ritmos e composições brasileiros.

## **2. Recorder Orchestra ou Orquestra de Flautas Doces**

A imagem mais antiga que temos do que pode representar uma *recorder orchestra* aparece no *Syntagma Musicum* (1619) de Michel Praetorius (1571-1621) onde, em uma figura chamada *Theatrum Instrumentorum*, o autor mostra nove flautas doces de tamanhos diferentes.



**Figura 1:** *Theatrum Instrumentorum*: as flautas no *Syntagma Musicum II*. As flautas doces estão em ordem decrescente de tamanho, da esquerda para a direita, enumeradas de 1 a 9.

Para Callegari e Villavicencio (2017, p. 5), “pode-se dizer que esses tamanhos são absolutos, pois o autor indicou a nota fundamental (mais grave) de cada uma das flautas, ao lado de cada flauta, e incluiu uma régua que indica a escala da imagem, o que permite conhecer com certa precisão a dimensão dos instrumentos”. Porém, não temos evidência escrita, em partitura ou descrição, que estes instrumentos tocassem todos juntos e sim, em combinações entre eles. Como ressaltam Callegari e Villavicencio (2017, p. 5), “as quatro possibilidades de combinação de flautas para a execução da polifonia a quatro vozes são apresentadas por Praetorius em um diagrama que indica também os limites da

extensão de cada instrumento”. Os autores ainda acrescentam que, “além de fornecer o diagrama, Praetorius explica textualmente que deve-se utilizar três tamanhos sucessivos de flautas, distanciados entre si por quintas, com a duplicação da flauta do meio para as vozes de *Tenor e Altus*” (SILVA, 2010 apud CALLEGARI e VILLAVICENCIO (2017, p. 5).

Nos períodos que sucedem a Renascença não encontramos nenhuma referência a grandes grupos de flautas doces, nem mesmo no Barroco, quando a flauta doce foi muito difundida nas formações camerísticas e em repertório solo. Embora existam inúmeras flautas doces, de diversos tamanhos, não temos informações que o *consort* completo (Soprano, Contralto, Tenor e Baixo) tenha sido utilizado no período Barroco.

Diante disso, podemos pensar que a *recorder orchestra* é um fenômeno que começou no final do século XX, ganhando mais notabilidade no século XXI. A retomada da flauta doce no século XX como instrumento artístico e, principalmente com a roupagem pedagógica adquirida, fez com que houvesse uma crescente demanda por flautas soprano nas escolas e por consequência, outras flautas que pudessem tocar em conjunto. Surgiram então as flautas contralto, tenor e baixo nos modelos estudantis. Este uso escolar deu ao instrumento uma coerência tímbrica e no caso dos instrumentos de resina, se alcançou uma certa unidade sonora.

Na década de 1930, foram fundadas a *Society of Recorder Players* na Inglaterra, e a *American Recorder Society* nos Estados Unidos e, por causa da crescente utilização da flauta doce na educação, ela era usada em sala de aula, como um instrumento de musicalização em massa, tocada em forma coral.

Entretanto, no pós-guerra é que de fato começam a surgir os primeiros grandes grupos de flautas doces, pois os instrumentos mais graves ficam mais acessíveis e com uma qualidade sonora melhor. É no mesmo período que também surgem as primeiras composições escritas para esta formação.

No panorama atual, as orquestras de flautas doces se encontram estabelecidas, espalhadas pelo mundo, buscando cada vez mais a qualificação sonora através de novos instrumentos. Hoje o mercado já oferece flautas graves de maior qualidade sonora, assim como instrumentos que eram raros, como a sub grande baixo em fá e sub contrabaixo em si bemol, e que hoje já estão no mercado. Há de se destacar como melhoramento sonoro das flautas graves o instrumento de Herbert Paetzold (Alemanha), as “flautas quadradas” (basseto/baixo em fá, grande baixo em dó, contrabaixo em fá, sub grande baixo em dó e sub contrabaixo em si bemol).

Elas são mais potentes em termos sonoros do qualquer outra de equivalente tessitura, além de ter uma excelente resposta de articulações.

A *American Recorder Society* - ARS<sup>1</sup> em seu *website* dita as normas sobre o que é uma *recorder orchestra*, ou orquestra de flautas doces. Segundo a ARS, para se qualificar como uma orquestra de flautas doces o grupo precisa atender os seguintes critérios:

Seu grupo deve ter pelo menos dez componentes permanentes; seu grupo deve ter pelo ao menos cinco vozes com flautas diferentes (sopranino, soprano, contralto, tenor, baixo, grande baixo, contrabaixo, sub grande baixo, sub contrabaixo) tocando regularmente; seu grupo deve ensaiar regularmente; seu grupo deve se referir a si mesmo como uma *recorder orchestra* [orquestra de flautas doces], e não como um outro tipo de conjunto.

### 3. A Flauta Doce no IECG

O IECG, fundado em Belém do Pará em 1895, teve por bastante tempo seu modelo de ensino musical voltado para o piano, violino e canto, mas ao passar dos anos houve uma ampliação em seu campo de atuação, com projetos voltados para a formação de orquestra e para a introdução de aulas de musicalização em sua grade curricular. Novos instrumentos foram sendo incorporados, como percussão e flauta doce, e, mais tarde, os instrumentos de sopro que compõem o corpo orquestral e a banda sinfônica do Conservatório.

No início do ensino da flauta doce no IECG, ela era utilizada apenas como auxílio à musicalização, prática muito comum ainda hoje em conservatórios e escolas de música, mas o envolvimento do professor Luiz Carlos Tavares em transmitir conhecimentos sobre a flauta doce, seu repertório histórico, sua técnica, seu uso como instrumento de concerto fez com que a direção do IECG investisse não somente na flauta doce, mas também na Música Antiga.

O trabalho intenso com a Música Antiga desenvolvido pelo professor Luiz Carlos Tavares, deu credibilidade e visibilidade ao curso de flauta doce, o que resultou em investimentos para aquisição de diversos instrumentos para a prática de Música Antiga, dentre eles uma família de flautas doces. Segundo o levantamento feito por Ferreira (2014):

Em 1989 foram adquiridos novos instrumentos em atendimento aos pedidos insistentes de Luiz Carlos: instrumentos de sopro de madeira da marca alemã Moeck, como flautas doces barrocas soprano, alto e tenor em afinação moderna, construídas segundo os instrumentos feitos por Jean-Hyacinth-Joseph Rottenburg (1672-1756), desenvolvidas em parceria com o construtor Friedrich von Huene a partir de 1966; flautas doces renascentistas baixo em fã, grande baixo em dó e sub-baixo em fã, reconstruções de instrumentos do Museu Hofburg em Viena. (Ferreira (2014, p. 42).

---

<sup>1</sup> *American Recorder Society* é uma organização sem fins lucrativos fundada em 1939, voltada para a flauta doce com mais de 2.000 membros com atuação principalmente nos EUA, Canadá e com abrangência em trinta países que envolve: profissionais, professores, construtores, compositores, arranjadores, editores, estudantes e amadores.

Em 1984 a Fundação Carlos Gomes<sup>2</sup> (FCG), munida do instrumental de música antiga recém-adquirido, forma seu grupo sob a direção de Luiz Carlos Tavares. Os componentes eram basicamente estudantes de música que participavam do grupo a fim de adquirir conhecimento específico na prática de música antiga, ganhar experiência como artistas e principalmente, fazer música. Embora tivesse um *consort* de flautas doces, o Grupo de Música Antiga da FCG não se ateve apenas a este instrumento e agregou também cantores, violoncelistas, violinistas, violonistas e cravistas.

Hoje, o IECG ainda emprega a flauta doce como instrumento de apoio ao processo de musicalização mas há mais de vinte anos forma alunos nos seus cursos básico e técnico, tendo em seu quadro, atualmente, quatro professores com formação no instrumento (graduação em música e técnico em flauta doce) que atuam nos dois níveis de ensino (básico e técnico), lecionando individualmente, participando em grupos de câmara, incentivando seus alunos a tocarem cada vez melhor e se valendo das “Flautas Doces da Amazônia” como aspecto motivador para que os alunos elevem seu nível técnico, pois o ingresso do aluno no grupo se dá pela indicação de seu professor.

#### 4. A Orquestra “Flautas Doces da Amazônia”

Quando eu era aluno do IECG havia dois professores de flauta doce e muitos alunos deste instrumento (por volta de cinquenta), mas não havia nenhum tipo de interação entre os eles, nem mesmo entre os alunos do mesmo professor. Não tínhamos uma prática de conjunto, não tocávamos nem ao menos duos (quando ocorria, era entre professor e aluno), além do quê faltavam práticas sociais, troca de experiências e a interação com os mesmos pares. Além da flauta doce não ser um instrumento de orquestra sinfônica e nem de banda, onde o convívio com o outro é maior, criar um ambiente em que se pratique o instrumento em grupo é de suma importância para o aluno, até mesmo como mecanismo de combate à evasão escolar, já que no grupo o aluno passa a se sentir mais à vontade do que na aula individual, como mostra Branquinho (2013):

é possível perceber que as crianças têm tudo para se sentirem mais estimuladas e mais à vontade na prática instrumental conjunta do que na individual. Desta forma, crianças que se sintam menos seguras na prática musical individual, podem sentir-se mais expostas e daí resultar uma desistência, desmotivação ou mesmo frustração. Branquinho (2013, p. 33).

---

<sup>2</sup> A Fundação Carlos Gomes, criada em 1986, é a entidade mantenedora do Instituto Estadual Carlos Gomes (IECG).

Esta afirmação de Branquinho é confirmada por depoimentos de duas integrantes das “Flautas Doces da Amazônia”, que já participam do grupo há três anos e que após o concerto realizado no XXX Festival Internacional de Música do Pará, externaram seus sentimentos através de mensagens via celular:

Parabéns a todos. Obrigado por terem me dado a chance de conhecer e participar de um grupo tão maravilhoso. Se eu conhecesse vocês em 2007 eu nunca teria desistido da flauta doce e se eu não tivesse participando da orquestra, tenha certeza que eu teria definitivamente parado de tocar flauta ano passado.

A aluna em questão já havia abandonado os estudos musicais no ano de 2007 e ao voltar aos estudos achou nas “Flautas Doces da Amazônia” sua maior motivação. No depoimento seguinte a outra aluna reforça a importância da orquestra em sua decisão de continuar estudando flauta doce, o que mostra o quanto a flauta doce é valorizada e entendida como um instrumento artístico como qualquer outro:

Eu também sou a prova de que o grupo muda a visão que temos da flauta. Lembra da ideia de mudar para o piano? Pois é, nesses últimos meses eu me apaixonei tanto pela flauta que desisti de mudar de instrumento, graças ao grupo, graças a todos, obrigada por me aceitarem no grupo.

Quando passei a lecionar flauta doce no IECG sempre tive vontade de proporcionar a oportunidade de que o maior número de alunos pudessem tocar juntos, conhecer um ao outro e com isso poder ter a prática de formar pequenos grupos de estudos (duo, trio e quarteto). Outros objetivos desta prática coletiva eram melhorar o seu desempenho individual no instrumento, saber o que e como o outro está tocando, cultivar no ambiente escolar o companheirismo e a amizade entre seus pares. A criação das “Flautas Doces da Amazônia” era, portanto, um caminho natural para possibilitar o desenvolvimento dos objetivos, além do propósito da divulgação da flauta doce e seu repertório para a comunidade de Belém, numa interação do Conservatório com a sociedade paraense.

#### **4.1. Instrumentos**

A primeira coisa necessária para determinar a formação do grupo foi saber com quais instrumentos contaríamos. Na minha concepção, era imprescindível que a orquestra tivesse instrumentos graves, como pelo menos tenor em dó e baixo em fá. Portanto, no início, o foco principal era sabermos quais instrumentos graves tínhamos, pois era comum os alunos tocarem apenas flauta soprano e contralto, devido à exigência da grade curricular do IECG.

Na busca por instrumentos mais graves, em 2012 encontramos no acervo da IECG seis tenores (quatro de resina e duas de madeira da marca Yamaha) e dois baixos em fá (uma em madeira da marca Moeck e outra em resina da Yamaha). Também conseguimos recuperar uma grande baixo em dó e uma contrabaixo em fá, que existiam no IECG e não tinham boas condições de uso. A flauta contrabaixo estava mofada, com o bloco inchado e o estojo molhado, por ter ficado armazenada em um lugar com goteiras. Estas flautas fazem parte do instrumentário de Música Antiga da FCG e foram adquiridos em 1989.

Em 2015, a FCG adquiriu 23 novas flautas doces, próprias para o grupo, todas da marca Yamaha, série 302 B, em resina, contendo em seu instrumental: quatro sopranos, sete contraltos, oito tenores e quatro baixos em fá. A aquisição das flautas Yamaha da série 302 B trouxe uma maior unidade tímbrica, que ajuda na afinação, e possibilitou a ampliação do grupo, aumentando a participação de alunos.

#### **4.2 Composição e Instrumentação da “Flautas Doces da Amazônia”.**

A formação da orquestra “Flautas Doces da Amazônia” varia de acordo com o repertório. Damos sempre atenção para o preenchimento e destaque das vozes mais graves, para reforçar a nota fundamental, por entendermos que são elas que dão um diferencial sonoro em termos de ressonância e multiplicação de harmônicos. Elas também são responsáveis pelo o impacto visual e auditivo nos concertos. A utilização de flautas agudas – soprano e soprano – é feita com cuidado, pois são elas que nos trazem dificuldades de amalgamar seu som com as demais flautas do conjunto.

Embora a *American Recorder Society* recomende dez componentes fixos e cinco vozes distintas com flautas diferentes para que um grupo seja considerado minimamente uma orquestra de flautas doces, não existe ainda um número ideal de componentes definido para este agrupamento. Sendo assim, a instrumentação sempre irá refletir a quantidade de flautistas disponíveis e de instrumentos que se tem, o que é justamente uma das características da *recorder orchestra*.

#### **4.3 Sonoridade**

A princípio, utilizamos peças compostas para quartetos de flauta doce (obras originais e arranjos) e em seguida percebemos a necessidade de fazer adaptações ou até mesmo rearranjar algumas músicas: dobrar determinadas vozes, mudar a tessitura de outras, buscar destacar principalmente as vozes graves.

A distribuição de vozes mais comum que fazemos é: sopranos I e II; contraltos I e II; tenores I e II, sendo que a tenor II toca em uma linha próxima ao baixo para reforçar os graves. As flautas baixo e contrabaixo, como têm o mesmo dedilhado e tocam em oitavas, normalmente tocam em vozes dobradas, exceto quando a linha do baixo for ágil; nesses casos, o contrabaixo trabalha nas notas fundamentais do acorde.

## 5. Considerações finais

Neste artigo procurei apresentar um conceito de formação de flauta doce pouco comum, sobretudo no Brasil: orquestra de flautas doces, a partir da experiência de desenvolvimento desta formação no IECG com o grupo chamado “Flautas Doces da Amazônia”.

Mostramos que a flauta doce, quando não associada a um simples instrumento escolar, é vista como um instrumento próprio para executar música antiga, porém ao apresentarmos a orquestra de flautas doces como um fenômeno moderno em plena expansão, vimos que o instrumento está vivo, com uma vasta literatura contemporânea, com novas formações camerísticas, e com instrumentos que correspondem às necessidades modernas.

Além das composições contemporâneas que dão vida à flauta doce, podemos destacar a incrível produção de instrumentos com melhoramentos sonoros e de características físicas que ajudam na hora da execução e com uma sonoridade mais condizente com a contemporaneidade. Podemos citar, por exemplo, as tão festejadas flautas quadradas ou “square recorders”, desenvolvidas por Joachim Paetzold e fabricadas por Herbert Paetzold, das quais são produzidas tenor, baixo, grande baixo, contrabaixo, sub grande baixo, sub-contrabaixo. Ainda falando de flautas modernas, citamos as de Adriana Breukink: Eagle e a *Dream Recorder* ou “flauta dos sonhos”. Destacamos também, da fábrica Mollenhauer, as flautas Helder contralto e tenor e as flautas modernas Tarasov-Paetzold soprano e contralto, também conhecidas como *harmonic recorders*, além de outras com melhoramento da sonoridade barroca e flautas com sintetizadores, dentre outras.

O aluno de flauta doce do IECG vê na orquestra “Flautas Doces da Amazônia” um local onde pode participar da vida artística do IECG. É um grupo onde os alunos iniciantes almejam chegar, além de ser um local de experiências artísticas em música.

Percebi, durante a minha atuação, que aquela inquietude de não haver onde os alunos tocarem juntos, a falta de integração entre eles e a falta de um ambiente onde os alunos dos diversos professores de flauta doce pudessem se relacionar foi sanada com a criação do

grupo. Dentro da experiência de tocar em conjunto, o aluno pode perceber que suas dificuldades não são apenas suas. Muitas vezes elas são compartilhadas com outros colegas e isto evita o desestímulo. Fazer parte de uma orquestra e poder “vencer uma música”, eleva a autoconfiança do aluno e motiva o estudo, desenvolvendo habilidades para a execução do instrumento. Isto também é refletido nas aulas individuais.

Creio que a orquestra “Flautas Doce da Amazônia” contribui para a criação de um ambiente musical onde a flauta doce pode ser reconhecida por aqueles que ainda não compreendem a sua função. Esperamos que, a partir de nossa vivência, outros grupos possam surgir ampliando o repertório, o conhecimento e principalmente, trazendo para o aluno de flauta doce a experiência de tocar em um grupo rico em sonoridade, motivando o estudante a gostar cada vez mais de tocar aquele instrumento.

## **Referências**

AMERICAN RECORDER. **Is your group a recorder orchestra?** Disponível em: <[https://americanrecorder.org/is\\_your\\_group\\_a\\_recorder\\_orche.php](https://americanrecorder.org/is_your_group_a_recorder_orche.php)>. Acesso em 25/01/2018.

BEINEKE, Viviane. **O Ensino de Flauta Doce na Educação Fundamental**. In: HENTSCHKE, L.; DEL BEM, L. (Org). Ensino de Música – propostas para pensar e agir em sala de aula. São Paulo: Moderna, 2003, p. 86-99.

BRANQUINHO, Emanuela da Costa. **A prática instrumental em grupo como fator de socialização/integração da criança**. Relatório final de estágio. Instituto Politécnico de Viseu. 2013.

CALLEGARI, Paula Andrade; VILLAVICENCIO, Cesar. **O Consort de Flautas Doces na Polifonia Renascentista: Processos de Aprendizagem no Grupo de Pesquisa em Música da Renascença e Contemporânea – GreCo. Comunicação**. XXIII Congresso da Associação Brasileira de Educação Musical. Manaus. 2017.

CALLEGARI, P. A. **O ensino da flauta doce na escola regular: questões emergentes em publicações da área de música**. 15º Encontro. In: 15º Encontro de Reflexões e Ações no Ensino de Arte, 2015, Uberlândia. Anais do 15º Encontro de Reflexões e Ações no Ensino de Arte. Uberlândia, 2015.

FERREIRA, Victor Hugo Costa. **Música antiga em Belém do Pará: a prática dos conjuntos de Música Antiga do Serviço de Atividades Musicais e da Fundação Carlos Gomes (1979-2000)**. Monografia. Universidade Federal do Pará – UFPA. Licenciatura em música. 2014.

HAMPSHIRE RECORDER SINFONIA. **History of the recorder orchestra**. Disponível em: <<http://www.hampshirerecordersinfonia.org.uk/hrsochestra/hrsochestra.html>>. Acessado em 25/01/2018.

MAHLE, Ernst. **24 duetos para flauta doce: arranjos de Ernst Mahle para soprano e tenor**. Escola de Música de Piracicaba, 1960.

MAHLE, Maria Aparecida. **Primeiro caderno de flauta-block**. Rio de Janeiro: Vitale, 1959.

PRAETORIUS, Michel. **Sintagma Musicum II: The organografia**. Wofenbüttel: Elias Holwein, 1619.

QUINTA ESSENTIA QUARTETO. **Flautas Doces Modernas**. Disponível em: <http://quintaessentia.com.br/flautas-doces-modernas/>>. Acessado em 25/01/2018